

NOVOS SUJEITOS, NOVAS MEMÓRIAS: (RE)CONSTRUINDO ESPAÇOS A PARTIR DE OLHARES LGBTQI_s

Eixo Temático 23 – Identidades e (não) representatividades de LGTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil

Esther Maria dos Santos Martins¹
Rodrigo Corrêa Martins Machado²

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo a leitura crítica da obra "Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários", uma obra que dá voz e vez a sujeitos historicamente subalternizados na sociedade brasileira, questionando as estruturas de poder, ser, estar e existir existentes no Brasil contemporâneo. Escolhemos, para tanto, uma dentre as teorias contemporâneas, a decolonialidade, pois se configura enquanto potência/postura ética, filosófica e política para se refletir e modificar estruturas fixas no que diz respeito às literaturas. Nos valeremos da leitura de textos de críticos literários, pensadores da decolonialidade e de pensadores de gêneros.

Palavras-chave: Antologia Trans; Decolonialidade; Literatura LGBTQI.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea vem sendo produzida por diversos sujeitos que historicamente se viram privados dos direitos de ser, de estar, de existir, de produzir artes e conhecimentos. Indígenas, mulheres negras, homens negros, LGBTQI_s, deficientes visuais, entre tantos outros sujeitos subalternizados ao longo da história brasileira, estão a produzir literatura, arte e política.

Mesmo diante de um cenário político em que muitos direitos dos sujeitos subalternizados vêm sendo atacados, existe uma produção literária em crescimento e que está, aos poucos e lentamente, se estabelecendo. E é no caminho de se inscrever na história que me

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Ouro Preto – MG, esther.martins@aluno.ufop.edu.br

² Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto – MG, rodrigo.machado@ufop.edu.br

deparo com “Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários”, uma obra construída a várias mãos (com poemas de 30 autores e outros de autoria coletiva) com intuito de dar vez e voz a sujeitas e sujeitos muitas vezes invisibilizados pelas políticas públicas e sociais, pelos poderes públicos, pela sociedade, pessoas que sabem o que sentir-se outro, sem lugar, em uma sociedade machista, racista, LGBTQIfóbica.

Em um país estruturalmente LGBTQIfóbico como o Brasil, uma obra como essa nasce do esforço coletivo de pessoas que querem abrir espaços, construir caminhos, serem vistas e respeitadas, terem o direito de existir, de amar e serem amadas. Como podemos ver na “Apresentação”, a Antologia Trans surge a partir do “Cursinho Popular Transformação”, um espaço de educação popular voltado para pessoas trans, travestis e não-binárias, pessoas excluídas dos espaços formais de educação, como também dos espaços de trabalho formal, saúde e sociabilidade. O objetivo do cursinho seria também questionar, erodir e repensar as estruturas de poder.

Nesse sentido, a função da Literatura de lembrar o que muitos gostariam que fosse obliterado é relevante em muitos casos, como quando governantes, pessoas e entidades ligadas a todo tipo de poder valem-se das memórias coletivas com a finalidade de criar uma manipulação a fim de que haja uma “amnésia social”. No caso desta, há uma organização social do esquecer, com regras determinando exclusões, supressões ou repressões e o mais importante quem deseja que se esqueça, o que e por quê (BURKE, 1992, p. 86). Conforme essa ótica perversa, o que é inconveniente de ser lembrado tenta ser suprimido para que se esqueça. Nesse caso, a História e a Literatura têm uma função social importante a desempenhar que é impedir o olvidar ou garantir a impossibilidade do esquecimento.

Há, pois, variados caminhos para se pensar a relação entre memória e literaturas. Na contemporaneidade, sobretudo, a literatura tem um papel político evidente diante da memória, um lugar de questionamento do status quo estabelecido ao longo dos séculos. E é diante desse lugar político da literatura enquanto o perscrutar os passados para se reescrever o presente que encontro meus interesses de investigação. Por esse motivo, o caminho teórico-crítico escolhido é o da decolonialidade, uma vez que se trata de um modo de abordagem crítica cultural surgido na América Latina no início do século XXI com intuito de se investigar, desvelar e subverter os variados modos de colonialidade nos processos de colonização dos países de língua portuguesa.

METODOLOGIA

Para contemplar o objetivo de analisar “Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários”, em um primeiro momento, faremos uma leitura crítica da obra, prefaciado pela crítica literária e escritora Amara Moira. Além da pesquisa literária, as entrevistas com a escritora, e suas publicações em revistas e sites também contribuirão para alcançarmos os objetivos propostos.

No segundo momento desta pesquisa, faremos leituras de autores e obras a proporcionar diálogos sobre a decolonialidade e gênero. Por fim, na terceira etapa faremos a análise da obra “Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários” e a elaboração do relatório final.

REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, é necessário retomar o cenário histórico que envolve a colonização e seus impactos nas sociedades latino-americanas, dando ênfase ao contexto brasileiro, com o intuito de fortalecer a luta e a resistência dos indivíduos diretamente afetados por essa prática, a partir de um recorte das múltiplas narrativas — ancestrais e atuais —. Lélia Gonzalez, uma importante autora que se dedicou a pensar as questões raciais no Brasil, em sua obra *Por um feminismo afro-latino americano* aponta que “o racismo — enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas — passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida que beneficiou e beneficia determinados interesses” (GONZALEZ, 2020, p. 97), isto é, fortaleceu-se o ideal de superioridade branca/europeia perante o imaginário coletivo. Essa prática velada, mesmo que indireta, contribui significativamente para a segregação e marginalização de sujeitos que não se adequam a determinados padrões impostos socialmente.

Dois conceitos importantes para a discussão do pensamento decolonial são colonialismo e colonialidade. Como colonialismo entende-se o período histórico da colonização, isto é, a ideia de dominação de um povo sobre o outro. Já a colonialidade diz respeito às estruturas de poder que permeiam as complexas relações sociais de dominação e exploração, herança que se reflete nas diversas instituições sociais que nos permeiam, como a construção do saber eurocêntrico como único legítimo, a constituição da família, a identidade dos sujeitos, etc.

Diante disso, compreende-se que o ideal de gênero é uma construção sociocultural que sofreu alterações de acordo com o caminhar da história da humanidade, e não se baseia em somente um âmbito da esfera social em que os indivíduos estão inseridos. A interseccionalidade é uma abordagem bastante importante para este estudo, trata-se de uma



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

área que relaciona a construção das identidades aos sistemas de opressão e discriminação. Ochy Curiel entende esse termo como referente “ao reconhecimento da diferença entre categorias cruzadas, onde raça e gênero, por exemplo, apresentam-se como eixos de subordinação” (CURIEL, 2020, p. 132) que embora se separem em algum momento, estão sempre interligadas.

Nesse sentido, quando se pensa na relação do gênero e da raça, retoma-se toda a estrutura criada pelo colonialismo na medida em que esse período — além de ser marcado pela violência contra os povos submetidos à colonização — criou a ideia do que seria humano (o colonizador) ou não (os colonizados). Os negros e indígenas, tanto homens quanto mulheres, foram categorizados como inferiores e exploráveis, para além disso, foram perseguidos por um padrão de negatividade. Essa herança contribuiu para os estereótipos enraizados em nossa sociedade, quando pensa na mulher negra enquanto mulata do asfalto, como diz Lélia González, um produto para ser consumido, mas nunca assumido; o homem negro como violento e criminoso; e os povos indígenas como não civilizados.

Tratando-se da teoria queer e das múltiplas resistências, como afirma Pereira, “não é, portanto, a segurança do corpo cirurgiado, finalmente consoante com sua “identidade de gênero”, que o queer propaga, mas, sobretudo, a instabilidade dos corpos que não se conformam” (PEREIRA, 2015, p. 373). Para se desprender das amarras sociais de conduta da sexualidade e de seus corpos, esses indivíduos buscam uma reformulação das crenças sociais para que possam ser incluídos nessa tal “normalidade”, demonstrando que o ser humano é plural e subjetivo que não cabe em uma caixa de rótulos pré-definidos por valores irrealis.

No que tange o movimento feminista, em síntese, pensar na configuração patriarcal de poder de decisão sobre os corpos é pensar que há, de fato, uma estrutura que compactua com o silenciamento de determinados indivíduos. Assim, se percebe esse sistema concebeu a mulher enquanto passiva, ligada à reprodução — seguindo o padrão branco-heterossexual-europeu — em oposição à mulher colonizada, aquela taxada inferior. Diante disso, é possível perceber que o feminismo e a decolonialidade são perspectivas que andam juntos à teoria queer, ambos se propõem a denunciar essas esferas sociais de violência e segregação.

A partir das organizações de resistência desses sujeitos surge o transfeminismo, que busca a representatividade das mulheres trans e travestis diante do incômodo das violências e de sua invisibilização perante a sociedade. Visto que o gênero é o eixo central do feminismo, é preciso compreender e acolher as pluralidades que envolvem as mulheres nos mais diversos contextos sociais. De acordo com Letícia Nascimento (NASCIMENTO, 2021, p. 27), a



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

chamada mulher original do feminismo surge como modelo pois durante anos houve uma centralidade das experiências das mulheres baseadas no nicho heterossexual, cis e branco, isso deve ser desconstruído pois a ideia da mulher como uma experiência universal é falsa, há a singularidade e a subjetividade pertencentes aos sujeitos e suas experiências particulares para além do coletivo.

Em suma, por se tratar de um movimento que acolhe as sujeitas que foram subalternizadas em decorrência do modelo eurocêntrico de gênero e da colonialidade, as mulheres trans e travestis também estão inclusas nessa discussão. Como dito por Pedro Pereira, o queer encontra o pensamento decolonial e o movimento feminista visto que “a teoria queer se originou como pensamento inconformado de corpos inconformes que, desde os primeiros momentos, assumiu para si, de forma orgulhosa, um insulto atribuído às partes consideradas abjetas, desprestigiada” (PEREIRA 2015, p. 6), portanto, buscam revelar a lógica por trás do sistema colonial e pensam, juntos, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito à obra “Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários”, os poemas foram escritos por alunes participantes do Cursinho Popular Transformação, do bairro República na cidade de São Paulo. Na apresentação, os organizadores apontam que seu principal objetivo é buscar uma educação mais inclusiva e propiciar oportunidades dos sujeitos subalternizados na sociedade ingressarem no Ensino Superior, ocupando seus espaços de direito. Diante disso, a poesia para esse grupo representa ao mesmo tempo sonho e intervenção, o que demonstra que a arte por si só é uma ferramenta de resistência.

A antologia surge a partir do evento TRANSarau, que teve o intuito de ampliar o protagonismo das pessoas transsexuais e não-binárias diante do mercado editorial e literário. Portanto, apropriar-se da linguagem — ainda que seja a do colonizador — permite (re)criar as narrativas daqueles que foram excluídos e marginalizados, possibilitando a manifestação de suas percepções de mundo, com a esperança de um futuro próspero e igualitário se concretize.

A antologia é disposta de duas sessões, a primeira denominada “Aquilo que veio de nós” contendo 9 poemas de autoria coletiva e a segunda com poetas individuais de 30 poetas. Um dos temas recorrentes desses poemas é a não conformação com os padrões de gênero impostos socialmente pelos europeus, além disso, se manifestam também as questões gênero-raça-classe, como mostra o trecho “Negras, nascidas com um pau e abdicando toda a

masculinidade opressora, que nos dava mil privilégios”, escrito por Augusto Silva em seu texto intitulado *Andávamos eu e ela*.

Em síntese, dos resultados se enfatiza a necessidade de expandir as oportunidades para que esses indivíduos possam ocupar seus espaços de direito na sociedade, que sejam respeitados e, principalmente, que existam de fato, sem se submeter a um eterno estado de sobrevivência. Todos queremos isso do viver bem. É importante que enquanto cientistas não nos voltemos apenas ao previsível, mas, principalmente, ao humano, sua natureza, seu desenvolvimento e sua atuação diante da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade resultado de uma hegemonia eurocêntrica e excludente. Fazer uma leitura crítica de uma obra literária sob a ótica decolonial é enxergar a presença da colonização, para em seguida buscar outros saberes que não o do colonizador. É também contribuir para a construção de conhecimentos críticos e reflexivos capazes de extinguir preconceitos com o que é diferente, de fazer o sujeito se reconhecer, conhecendo suas raízes, e se colocando como protagonista de sua própria história, além de ampliar horizontes, percebendo a existência de outros mundos, não só o ocidental colonizado.

Assim sendo, a pesquisa teve como intuito analisar a obra “Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários” a partir do conceito de decolonialidade. As estruturas de gênero como se percebe hoje são heranças de um passado violento e conturbado, a colonização portuguesa que além de violar, ditou regras para os corpos e para os sujeitos. Para além da interseccionalidade gênero-raça-classe, ainda há a que diz respeito à arte e a literatura como forma de resistência, a língua enquanto denúncia de corpos que não se conformam, mas que se confirmam diante da sociedade, querendo ser ouvidas e respeitadas, um direito de todes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. A escrita da História, novas perspectivas. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 120-139.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: RIOS, Flávio; LIMA, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, v. 5, n. 2 p. 411-437, jul.-dez. 2015.

TECRUZI, Alex; et all. **Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários**. São Paulo: Transformação, 2017.